

Na pequena pensão da Riviera em que me encontrava hospedado na altura, dez anos antes de a guerra deflagrar, rebentou uma discussão violenta à nossa mesa, que ameaçava degenerar, sem que nada o fizesse prever, em polémica furiosa ou até em contenda e afronta. Em geral, as pessoas são dotadas de uma fantasia embotada. Tudo o que não as atinge de modo direto, tudo o que não se lhes crava dolorosamente nos sentidos como uma lâmina afiada, deixa-as impávidas e serenas. Se, no entanto, calha a suceder qualquer coisa diante de seus olhos, afetando a sua sensibilidade de forma imediata, mesmo que seja algo sem importância, são então acometidas, sem qualquer demora, de uma paixão mais que inflamada. Nessas ocasiões, a sua habitual impassibilidade converte-se numa espécie de arrebatamento intempestivo e exacerbado.

Algo de semelhante aconteceu, portanto, daquela vez também, entre os convivas da nossa mesa de refeições, um grupo de comensais burgueses que, regra geral, se entretinha, tranquila e pacificamente, com *small talk*<sup>1</sup>, e pequenas brincadeiras sem importância alguma, não perdendo tempo a levantar-se da mesa e a dispersar, na maioria das vezes, mal a refeição terminava — o casal alemão que desaparecia para se entregar aos passeios e às fotos amadoras; o fleumático dinamarquês para se dedicar à pesca monótona; a elegante dama inglesa para se refugiar na leitura; o casal italiano para as suas escapadelas até Monte Carlo; e eu, para trabalhar ou espreguiçar-me na cadeira do jardim. Naquela ocasião, porém, a discussão acalorada prendeu-nos a todos à mesa da refeição e, se

alguém se levantava de repente, não era com a intenção de despedir-se cordialmente dos convivas, como de costume, mas, sim, por colérica exaltação que, como já referi, chegava a assumir contornos de verdadeira fúria.

Ora, o acontecimento que conseguira refrear a nossa pequena tertúlia na sala de jantar era, na realidade, deveras original. A pensão em que vivíamos, sete hóspedes no total, parecia ser, vista de fora, um chalé isolado — ah, como era maravilhosa a vista que tínhamos, da janela, sobre a praia recortada pelas falésias! —, embora não passasse, de facto, de uma dependência mais económica do grande Palace Hotel. O jardim unia directamente os dois edifícios, o que possibilitava um permanente contacto e convívio entre os hóspedes da pensão e os hóspedes do hotel. Pois bem, naquele mesmo hotel registara-se, no dia anterior, um escândalo irrepreensível. Vejamos: no comboio das doze e vinte da manhã (sou obrigado a ser muito preciso na indicação temporal, porquanto ela não só é importante para o episódio em si, como também para a exaltada conversação à mesa), chegara um jovem francês que alugara um quarto no hotel com vista sobre o mar, o que já era sinal, por si só, de um certo bem-estar na vida. Contudo, não só a sua elegância discreta despertava a atenção e o interesse dos restantes hóspedes, como também, e acima de tudo, a sua beleza extraordinária e extremamente sedutora: no centro de um rosto delicado de menina, um bigode loiro e sedoso adulava uma boca cálida e sensual, ao mesmo tempo que uma cabeleira castanha e macia, feita de suaves caracóis, adornava a fronte alva. Os olhos meigos do jovem acariciavam quem quer que encontrassem — tudo naquele ser era suave, lisonjeiro, amável, porém, sem qualquer traço de afetação ou artificialismo. Se, a uma certa distância, a sua figura fazia lembrar vagamente, à primeira vista, aqueles manequins de cera rosada, de bastão na mão, exibidos com toda a presunção nas montras das grandes lojas como símbolo da beleza masculina, essa impressão de vaidade desaparecia por completo quando o observávamos com maior atenção, porquanto o seu carácter afável era realmente natural e inato (caso raríssimo!), como se fosse a sua segunda pele. Ao cruzar-se com os outros hóspedes, a todos cumprimentava de mo-

do tão cordial quanto modesto. Era realmente agradável observar como o seu garbo, sempre pronto a manifestar-se, se revelava com toda a espontaneidade em qualquer ocasião. Apressava-se a ir buscar o casaco de uma dama quando a via dirigir-se ao bengaleiro, oferecia um olhar amigo ou um gracejo a todas as crianças, mostrando-se sociável e discreto ao mesmo tempo. Em suma: parecia fazer parte daquele grupo de pessoas bafejadas pela sorte que, pela experiência comprovada de serem agradáveis aos demais através do seu rosto simpático e da sua graça juvenil, conseguem transformar essa garantia em renovado encanto. A sua presença era como que uma bênção entre os hóspedes do hotel, na sua maioria idosos e adoentados. Com o passo triunfante próprio da juventude, com o ímpeto feito de leveza e frescura vital que a elegância sabe conceder, de modo formidável, a certas pessoas, o jovem havia conquistado irresistivelmente a simpatia de todos à sua volta. Duas horas após a sua chegada já o francês jogava ténis com as duas filhas do robusto e pachorrento industrial de Lyon, Annette, de doze anos, e Blanche, de treze, enquanto a mãe das meninas, a elegante, delicada e muito reservada Madame Henriette, observava, sorridente e silenciosa, como as duas imberbes filhinhas namoriscavam, de modo galante e inconsciente, o jovem forasteiro. Quando a noite caiu, acompanhou o nosso jogo de xadrez durante uma hora, contando, aqui e ali, com toda a discrição, uma ou outra anedota engraçada, para a seguir passear longamente com Madame Henriette pela varanda, de um lado para o outro, enquanto o marido jogava, como de costume, dominó com um colega de negócios. Já a noite ia avançada quando o vi ainda, na penumbra do escritório, a conversar com a secretária do hotel, num tom involuntariamente confidente. Na manhã seguinte, foi pescar com o meu companheiro dinamarquês, demonstrando conhecimentos surpreendentes sobre aquela atividade. Mais tarde, conversou muito tempo com o industrial de Lyon sobre política, revelando-se de novo um exímio interlocutor, já que as gargalhadas sonoras do senhor corpulento conseguiam atravessar a rebentação das ondas e chegar até nós. Depois do almoço — é absolutamente fundamental para a compreensão dos acontecimentos que eu relate com toda a exatidão as diferentes

fases e segmentos do dia deste forasteiro — , foi sentar-se mais uma vez com Madame Henriette no jardim, onde estiveram a tomar café simples durante uma hora, a sós. A seguir, voltou a jogar ténis com as suas filhas e conversou com o casal alemão no átrio do hotel. Às seis da tarde, encontrei-o então na estação de comboios, quando ali me dirigia para expedir uma carta. Veio apressadamente ao meu encontro, para me contar, como se tivesse necessidade de desculpar-se, que o tinham chamado de repente, mas que voltaria dentro de dois dias. De facto, esteve ausente durante o jantar, mas apenas fisicamente, porquanto era o único tema de conversação em todas as mesas. Todos enalteciam a sua forma de estar, aprazível e jovial.

Mais tarde, seria por volta das onze horas da noite, estava eu a acabar de ler um livro no meu quarto, quando ouvi de repente, através da janela aberta, vozes altas e agitadas vindas do jardim. Tudo indicava que algo insólito se passara no outro lado, no hotel. Mais inquieto do que propriamente curioso, apressei-me a percorrer os cinquenta passos que me separavam do hotel, para encontrar os hóspedes e os empregados num estado de verdadeiro alvoroço e confusão. Enquanto o marido, à hora habitual, jogava dominó com o seu amigo de Namur, Madame Henriette não regressara do passeio que dava todas as noites pelo caminho à beira-mar, pelo que todos receavam que alguma desgraça tivesse sucedido. O marido, sempre tão pesado e pachorrento, parecia um touro a correr, uma e outra vez, em direção à praia. Quando gritava o nome da mulher, com a voz distorcida pela emoção, e o clamor «Henriette! Henriette!» se perdia nas trevas, era uma espécie de uivo, medonho e primitivo, de um animal colossal mortalmente ferido o que nos chegava aos ouvidos. Os empregados e os moços de recados andavam num perfeito tumulto, escada acima, escada abaixo. Acordaram os hóspedes do hotel inteiro e avisaram a polícia por telefone. Sem parar, tropeçando e cambaleando, aquele homem corpulento, de colete aberto, gritava, em profundo desespero, o nome «Henriette! Henriette!» pelos ares, entre soluços e gemidos. Naquele meio-tempo, as filhas haviam despertado e, também elas, chamavam pela mãe, debruçadas na janela do andar de cima, em

camisa de noite. Para tranquilizá-las, o pai precipitou-se, escadas acima, ao seu encontro.

E foi então que algo terrível aconteceu, tão atroz que quase se torna indescritível. A verdade é que a natureza, em momentos de tensão dramática e desmedida, muitas vezes confere ao comportamento humano uma expressão de tal maneira trágica que nenhuma imagem ou palavra é capaz de reproduzir com a mesma veemência fulminante. Descendo os degraus que rangiam, apareceu de súbito aquele homem pesado e robusto, de rosto transfigurado, ao mesmo tempo exausto e irado. Trazia uma carta na mão.

— Chame-os a todos de volta! — disse, com uma voz quase impercetível, ao chefe do pessoal. — Chame toda a gente de volta, já não é preciso! A minha mulher abandonou-me.

Era firmeza o que se percebia na atitude daquele homem ferido mortalmente, uma firmeza sobre-humana posta à prova perante toda aquela gente reunida à sua volta, perante todos aqueles olhares que o fixavam com curiosidade. Agora, sentindo-se de repente assustados, confusos, envergonhados, todos recuavam e se afastavam dele. Restou-lhe ainda força suficiente para passar por nós, titubeante, sem olhar para ninguém, e dirigir-se para a sala de leitura, onde apagou a luz. Pudemos então ouvir como o seu corpo pesado e maciço se abatia, surdamente, sobre um dos sofás, seguindo-se um soluçar selvagem e animal, o choro de um homem que nunca chorara em toda a sua vida. E, então, aquela dor elementar surtiu uma espécie de efeito entorpecedor sobre todos os circunstantes, qualquer que fosse a sua classe social. Nenhum dos empregados, nenhum dos hóspedes atraídos pela curiosidade, ousou esboçar um sorriso ou pronunciar uma palavra de pesar. Regressámos todos em surdina, uns atrás dos outros, sem dizer palavra, aos nossos quartos, como que envergonhados com aquela explosão dilacerante de sentimentos. No interior da sala imersa na penumbra, aquele triste farrapo humano gemia e tremia, entregue à mais profunda solidão, naquele hotel em que, pouco a pouco, as luzes se iam apagando, entre cochichos e sussurros, segredos e murmúrios.

Como se compreenderá, um acontecimento desta envergadura, qual raio fulminante abatendo-se, por assim dizer, diante de nossos